

“A Primeira Fantasia a Gente Nunca Esquece”: Memórias de Antigos Carnavais no Clube Guarani de Arroio Grande/RS

“The First Fantasy we Never Forget”: Memories of Old Carnivals at Guarani Club in Arroio Grande/RS

Enviado em: 08-04-2022

Aceito em: 28-06-2022

Franciéle Gonçalves Soares¹

Alessandra Buriol Farinha²

Resumo

Este artigo apresenta história e memórias de carnavais que ocorriam no Guarani, Clube Social Negro do município de Arroio Grande, município localizado ao sul do estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Esse lugar de sociabilidade tem importância simbólica no âmbito da luta contra o preconceito racial, tendo servido como um meio de inserção da população negra em outras sociedades clubistas, valorizando sua cultura e identidade. Ao longo do século XX os carnavais do Clube Guarani se desenvolveram, mobilizando público variado e auxiliando na formação de uma identidade carnavalesca no município. Esse artigo objetiva apresentar elementos da história, memória e identidade deste importante lugar de resistência negra do Rio Grande do Sul. Através da análise de depoimentos, fontes bibliográficas e registros fotográficos, foi possível mostrar a contribuição de antigos sócios junto às manifestações festivas, desta forma, colaborando para o (re)conhecimento do Clube Guarani e seu valor como um bem cultural.

Palavras-Chave: Clube Guarani, Clubes Sociais Negros, Carnaval.

Abstract

This article presents the history and memories of carnivals that took place in Guarani, Black Social Club in the municipality of Arroio Grande, a municipality located in the south of the state of Rio Grande do Sul, Brazil. This place of sociability has symbolic importance in the context of the fight against racial prejudice, having served as a means of inserting the black population into other

1 Turismóloga Responsável pelo Museu Municipal Visconde de Mauá de Arroio Grande. Pós-Graduada em História e Cultura Afro-brasileira no Instituto Pedagógico Brasileiro. E-mail: franciellisoares805@gmail.com.

2 Professora Adjunta da Universidade Federal do Pampa. Doutora em Memória Social e Patrimônio Cultural. E-mail: alefarinha@gmail.com.

club societies, valuing their culture and identity. Throughout the 20th century, Clube Guarani's carnivals developed, mobilizing a varied public and helping to form a carnival identity in the municipality. This article aims to present elements of the history, memory and identity of this important place of black resistance in Rio Grande do Sul. Through the analysis of testimonies, bibliographic sources and photographic records, it was possible to show the contribution of former members to the festive events, thus contributing to the (re) recognition of Clube Guarani and its value as a cultural asset.

Key-Words: Guarany Club, Black Social Clubs, Carnival.

Introdução

O Clube Guarani, situado no município de Arroio Grande, região sul do estado do Rio Grande do Sul é um Clube Social Negro, foi inaugurado em 26 de fevereiro de 1920 através da organização política e social de famílias negras deste município. Conforme a fala local, de antigos sócios e frequentadores, com passar do tempo, o clube destacou-se pelas manifestações festivas, marcando a história sócio-cultural de Arroio Grande, reafirmando a identidade negra da população que ali frequentava e fazendo parte não apenas da memória dos mesmos, mas também da comunidade Arroio Grandense e região de forma geral.

No sul do Brasil foi intensa a exploração da mão de obra escrava, e Arroio Grande não foi diferente. O Clube Guarani é um lugar idealizado para a integração dos negros, descendentes de africanos outrora escravizados, para a sua sociabilidade, suas festas, dança, música, arte e cultura, pois a eles não era permitido frequentar os demais clubes existentes na cidade, considerados “de brancos”. No ano de 2006, após décadas de festas, vivências, luta e resistência, o clube foi fechado devido a denúncias com relação à falta de isolamento acústico.

Através de uma trajetória de investigações³ sobre a história e

3 Desde 2017 O Clube Guarani é nosso objeto de pesquisa. Dentre os trabalhos acadêmicos, destacamos o trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Clube Guarani: uma proposta de reabertura das atividades de um Clube Social Negro em Arroio Grande/RS” (2018), junto ao curso de Tecnologia em Gestão de Turismo da Universidade Federal do Pampa; a publicação de dois trabalhos em Anais eventos em 2019 (IV Copene Sul e V Encontro Humanístico Multidisciplinar, conforme disponível nas referências) e também na extensão universitária, com a realização de uma exposição fotográfica intitulada “Memórias

memórias do Clube Guarani junto à comunidade de Arroio Grande, percebeu-se que as festas que se realizavam no lugar se mantêm no imaginário da comunidade, mais especificamente os bailes de carnaval, considerados esplêndidos pelos antigos frequentadores, reconhecidos por serem animados, fazendo parte da história não só dos sócios do Clube Guarani, mas também dos sócios do Clube Caixeiral e do Clube do Comércio – clubes conhecidos por depoentes desta pesquisa por não permitirem às pessoas negras de socializar em suas sedes.

Assim, o presente artigo tem como objetivo apresentar memórias de antigos carnavais do Clube Guarani e demonstrar, através de relatos e antigas fotografias, o quanto essas vivências contribuíram para construção de suas identidades, sua autoestima e sociabilidade. A análise dos registros fotográficos dessas manifestações festivas, demonstram o contexto histórico, social, cultural e racial vigente à época.

A metodologia utilizada apresenta diversidade no uso das técnicas. Primeiramente foi feita a seleção de referenciais teóricos de festas, memória e identidade. Foram coletados também referenciais históricos sobre Arroio Grande e sobre o Clube Guarani, para contextualização. A história oral foi a metodologia utilizada para a coleta de dados, a fim de compreender os significados do Clube Guarani na comunidade representada. Ribeiro (2011) ressalta a notoriedade deste método de pesquisa: “A história oral pode contribuir no sentido de atender as demandas, as realidades e anseios ao registrar a experiência humana” (RIBEIRO, 2011, p. 116). De acordo com Portelli (2016, p. 07), as sociedades encontram-se desenraizadas e desarticuladas de modos culturais de viver, de trabalhar, de se relacionar, e a história oral tem se constituído em uma prática significativa de coleta de dados, cada vez mais reconhecida na academia pela dimensão ampla. A história oral não pressupõe uma verdade absoluta, mas pode congrega elementos de análise que apontam resultados significativos para a pesquisa.

do Clube Guarani” organizada com parte do acervo do clube, e exposto na Galeria de Arte da Biblioteca Pública da cidade de Arroio Grande no ano de 2019. Todos os trabalhos e publicações tiveram autoria de Franciéle Gonçalves Soares e coautoria/orientação da Profa. Dra. Alessandra Buriol Farinha.

Assim, foram selecionados 05 depoentes, escolhidos por terem sua trajetória de vida relacionada ao Clube Guarani, na gestão, ou como colaboradores. Ao longo desses anos de pesquisa, foram coletadas antigas fotografias. Parte dos registros foram disponibilizados pelo Sr. Lizandro Araújo, o qual possui um importante acervo carnavalesco (fotografias, fantasias, adereços e documentos) e a outra parte foi disponibilizada pela Sra. Maristela Corrêa.

O artigo está estruturado da seguinte forma: primeiramente será apresentada uma breve contextualização sobre a trajetória do Clube Guarani, os motivos de sua fundação e trajetórias de luta e resistência negra em Arroio Grande. Em seguida, o artigo apresenta um estudo bibliográfico sobre a memória social, memória coletiva e memória festiva aliadas ao carnaval. Para finalizar, apresenta-se os resultados da pesquisa, da coleta de depoimentos e antigas fotografias e sua análise: as festas carnavalescas do Clube Guarani de Arroio Grande.

Conhecendo o lugar da pesquisa: Arroio Grande e o Clube Guarani

O Clube Guarani está localizado no município de Arroio Grande, situado na região sul do estado do Rio Grande do Sul, conforme mapa disposto na Figura 01. De acordo com a página oficial da Prefeitura de Arroio Grande, o povoamento teve início em 1803, por Manuel Jerônimo de Souza e em 1812 houve a doação do terreno para construção da Capela da Nossa Senhora da Graça de Arroio Grande, fato que marca a história do município. Já em 1873 Arroio Grande passou a ter autonomia política e econômica, por ter sido emancipada de Jaguarão, sendo elevada à categoria de Vila e em 1890 elevada à categoria de cidade. Conforme Quadrado (2012) na metade do século XVII a principal atividade eram as charqueadas, as quais utilizavam a mão de obra de escravizados.



Figura 01: Mapa do Rio Grande do Sul, em vermelho o município de Arroio Grande.
Fonte: Abreu (2006)

Em 1858, conforme Quadrado (2012), a cidade de Arroio Grande tinha cerca de 4.000 habitantes. Dentre esses, conforme a autora, quase a metade eram africanos e seus descendentes, e que passadas décadas pós-abolição o racismo permeia o lugar. Um exemplo disso é a proibição da presença dos negros dos espaços sociais da cidade, em especial em clubes sociais, como o Clube Caixeiral, Clube do Comércio e o Centro Tradicionalista Gaúcho (CTG) até há poucas décadas atrás. Estes clubes só recebiam negros em suas sedes na condição de trabalhadores, para prestação de serviços, conforme destacado por Kosby (2011). Um exemplo é a Banda Farroupilha, composta por homens negros, que animavam as festas de não negros, principalmente em períodos carnavalescos. A autora ainda destaca que, devido à exclusão dos negros dos clubes sociais, o espaço que restava para festejar eram as ruas ou nas casas uns dos outros.

Com o crescimento numérico da comunidade negra, foi evidenciada a carência de um espaço adequado para os eventos, onde todos pudessem se reunir. Foi neste contexto que um grupo de amigos planejou a fundação do primeiro e único clube social negro de Arroio Grande, o Clube Guarani, idealizado e inaugurado por João Lúcio, Alvião Lúcio, Idílio Freitas, Carlos

Ferreira, Evaristo Cardoso e como presidente, João Medeiro (Quadrado, 2012). Na Figura 02, observa-se a fachada da sede do Clube Guarani no final dos anos 1990, situada à Rua Basílio Conceição, 181.



Figura 02: Fachada do Clube Guarani - final da década de 1990.
Fonte: Sr. Lizandro Araújo

A partir da fundação do Clube Guarani, as famílias de descendentes de africanos escravizados de Arroio Grande passaram a ter um lugar específico para sua socialização, manifestações culturais, integração e organização social. De acordo com o Sr. Paulo Sérgio Prestes (entrevista concedida em 2017), antigo frequentador e ex-presidente do Clube Guarani, “os sócios do clube formavam uma verdadeira família, onde dedicavam quase todo seu tempo de ócio às atividades do mesmo”.

Apesar da intensa atuação social, histórica e festiva junto à comunidade negra arroio-grandense, as atividades do clube foram encerradas no ano de 2006, devido a denúncias que alegavam falta de isolamento acústico, poluição sonora e distúrbio pela movimentação de pessoas em frente à sede. De acordo com a Sra. Maria Geni Lemos Santos (entrevista concedida em 2018), presidenta do clube na época das denúncias, a aquisição de uma estrutura de isolamento acústico era inviável para as

condições financeiras do Clube Guarani. Então, foram encerradas as atividades, gerando uma comoção entre a comunidade, sócios e frequentadores.

De acordo com Quadrado (2012) em 2011 foi inaugurado na sede do Clube Guarani o Ponto de Cultura “Axé Raízes” subsidiado pela Universidade Federal de Rio Grande (FURG), onde eram desenvolvidas aulas de música, capoeira, dança, teatro, pintura, dentre outras, e também eram promovidos eventos que remetiam e valorizavam a cultura afro-brasileira. Essas atividades perduraram até o ano de 2017, quando o Ponto de Cultura deixou de receber verbas para sua continuidade.

Embora fechado, o Clube Guarani se mantém na memória da comunidade, especialmente dos antigos sócios e colaboradores, conforme depoimentos e conversas informais sucedidas ao longo dos estudos referentes ao clube. Quando se fala em Clube Guarani às famílias que frequentavam, aos participantes, ex-gestores, a memória que remete são as festividades, a alegria, a descontração, sobretudo o carnaval, que além de trazer o lazer, o entretenimento e a socialização, também oportunizaram ao clube os subsídios necessários para continuar em atividades, através de promoções, apresentações, concursos e outros. A seguir será apresentado o referencial teórico que trata do carnaval, festas e memória.

As festas, o carnaval e a necessidade de memória

A palavra carnaval, conforme Arantes (2013), surgiu da religião católica, pois o carnaval se comemora sete semanas antes da Páscoa (Ressurreição de Jesus). Conforme o autor, carnaval “vem do italiano *carnelevale*, que significa “tirar a carne”, pois termina na noite anterior à Quarta-feira de Cinzas, início da Quaresma cristã, quando não se come carne vermelha, e que termina no domingo de Páscoa” (ARANTES, 2013, p. 08). No Brasil o carnaval é uma tradição trazida pelos europeus, uma procissão alegre, com brincadeiras que eram feitas em festas religiosas e era livre a participação de todos, até meados do século XIX. As fantasias, a dança, as batidas das

canções, as letras, são elementos que se destacam no carnaval. É uma forma que o povo tinha de abstrair, de brincar, dançar, e esquecer de suas mazelas, de seus problemas.

[...] o Carnaval é uma festa democrática, na qual todos brincam, cada um a seu modo. Nenhuma outra festa popular consegue a mobilização das pessoas num contagiante entusiasmo coletivo que o Carnaval consegue. Não importam a condição social e econômica, a cor da pele, a convicção política, a crença religiosa, o sexo e a idade. Todos cantam as mesmas músicas, dançam os mesmos passos e se divertem (ARANTES, 2013, P. 19).

As sociedades clubistas foram grandes aliadas dos carnavais de salão, tradicionais até o final do século XX. Conforme mencionado por Escobar (2010) muitos desses clubes surgiram para que os negros pudessem pular carnaval, como o restante da sociedade, e assim como o Clube Guarani, que foi inaugurado em um período carnavalesco. As festas e comemorações, segundo Gastal e Machiavelli (2012) proporcionam diversão e sociabilidades, colaborando assim para a qualidade de vida dos participantes, além de elevar o reconhecimento dos significados simbólicos da identidade e cultura, os quais permeiam a memória social. De acordo com Morigi, Rocha e Semensatto (2012) a memória é construída socialmente, a partir das vivências de um indivíduo e de sua condição social e cultural, e suas lembranças podem se transformar com o passar do tempo. Os autores enfatizam que a memória vai se modificando, e é fruto de construções sociais, capazes de a cada novo dia serem reconstruídas, sendo assim, reafirmam a inexistência de uma memória imutável.

Halbwachs (2004) classifica a memória em dois principais segmentos, a memória individual é aquela produzida por lembranças que temos de momentos nos quais vivenciamos, e temos portanto, maior propriedade, porém ainda de acordo com o autor essa memória “não esta inteiramente isolada e fechada. Um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente a necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros” (HALBWACHS, 2004, p. 53). O autor classifica a memória coletiva como memórias que não participamos de forma direta, ou seja, são informações que podem ser

estendidas através de depoimentos e estudo, sendo construída a partir de outras vivências, o autor chama também de memória “emprestada”. Le Goff (2017) reitera sobre a importância da memória para o manter identidades e difusão do conhecimento histórico-social. Segundo o autor, a memória coletiva “faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando todas pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção” (LE GOFF, 1990, p. 410). Pollak (1989) também examina a função da memória coletiva:

A memória coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes. (POLLAK, 1989, p. 09)

Pollak (1989) também menciona as memórias subterrâneas, e enfatiza o quanto é necessário dar privilégio a voz dos excluídos, de indivíduos que são culturalmente e socialmente omitidos e oprimidos da sociedade, e sobre a importância de reforçar essas memórias, constituídas por narrativas pertencentes a “culturas minoritárias e dominadas” (POLLAK, 1989, p. 04). Entende-se que a pesquisa sobre o Clube Guarani está dando visibilidade a esse lugar aos modos de viver, de socializar de famílias negras e outros. O autor ainda ressalta a importância de políticas de reforma que coloquem em pauta essas formas de silenciamento e ainda complementa que é preciso buscar a justiça e a verdade nas pesquisas de grupos historicamente excluídos. Segundo Tanno (2018) a negritude tem sua memória desprezada:

Estão excluídos da maioria dos espaços do poder, apesar de serem numericamente superior aos brancos- , ao contrário, as trata com violência e preconceito, não saberia valorizar e preservar sua herança cultural como direitos de memória e de cidadania, sempre negados de forma plena aos negros e índios e seus descendentes na sociedade brasileira. (TANNO, 2018, p. 32)

Como mencionado, principalmente as memórias pertencentes a grupos

oprimidos, devem estar em constante reafirmação, já que são memórias suscetíveis ao esquecimento, por diversos aspectos, entre eles pela falta de bibliografias abordando o assunto, e a escassez de documentos e fotografias. Le Goff (1990) acentua que esse esquecimento, ou amnésia como se refere, não interfere somente no indivíduo mas na “memória coletiva nos povos e nas nações que pode determinar perturbações graves na identidade coletiva” (GOFF, 1990, p. 367). Considera-se, portanto, consolidada a função social do presente estudo de memórias do Clube Guarani, o qual tem a finalidade de corrigir, ou amenizar o silenciamento da comunidade negra, que tanto colaborou para a constituição da cultura histórico-social de Arroio Grande.

No caso do Clube Guarani, no decorrer das entrevistas, foi identificado que as memórias estão diretamente ligadas às festas, especialmente o carnaval, e essas manifestações contribuem para construção da memória identitária desses indivíduos. Conforme afirmam Caponero e Leite (2021): “As festas contribuem para a afirmação de identidade cultural das comunidades locais, reforçando a diversidade cultural” (CAPONERO e LEITE, 2010, p. 01). Os autores reforçam que as festas não são apenas rituais, mas são fundamentais para a contextualização da história e na construção da memória social.

Assim, se pode afirmar que a transmissão dessas tradições ancorada nas lembranças e aprendizados passados que se alojam na memória individual e coletiva, através da experiência socialmente compartilhada, ressalta a importância da festa enquanto prática para a continuidade de cultura local (MORIGI, ROCHA, SEMENSATTO, 2012, p. 182). Ao longo da pesquisa, foram observados exemplos de como ocorreu a transmissão dos saberes, as entrevistas e as fotografias mostram as antigas manifestações festivas, onde os participantes utilizavam este espaço/tempo para conectarem-se com sua ancestralidade e atualmente usam dessas narrativas e memórias para reafirmarem-se enquanto indivíduos negros na sociedade.

Ou seja, como mencionam os autores, essas festividades são formas de comemoração e ao mesmo tempo espaços de memória. As festas auxiliam na preservação e afirmação identitária de grupos sociais, possibilitam “[...] a

comunicação e compartilhamento de crenças e de valores, enraizados e cultuados pelas tradições. Além disso, as festas são comemorações grupais que procuram preservar a memória das raízes culturais” (MORIGI, ALBUQUERQUE, SEMENSATTO, 2013, p. 02). De acordo com Cunha (2009) as comemorações carnavalescas despertavam no povo negro o sentimento de liberdade, sentiam-se a vontade para transporecer sua identidade e festejar com a musicalidade semelhante ao som dos batuques de sua religiosidade. O autor enfatiza:

A fusão e a hibridez destas expressões culturais, musicais e rítmicas ficam evidentes nesses diferentes termos e designações que recebem as danças, cultos, festas e ritmos. E estas expressões coreográficas teriam também significados múltiplos e vínculos com a religiosidade de africanos e seus descendentes (CUNHA, 2009, p. 40).

Essa conexão com a dança e a música por parte dos descendentes de escravizados perpetuaram em sua jornada carnavalesca, onde percebe-se que “a criatividade e a ânsia em desfrutar do prazer de desfilar e cantar perpetuam entre as camadas mais populares, que criam ou recriam formas de brincar nos espaços públicos” (CUNHA, 2009, p. 21). Apesar de terem sido excluídos da festa popular, encontraram mecanismos de inserirem-se e fazerem parte da história e da memória social.

Ainda sobre as festas, Cardoso (2021) afirma que o Clube 24 de Agosto, Clube Social Negro que se mantém em funcionamento em Jaguarão, município vizinho a Arrorio Grande, as expressões de festa são importantes para a preservação da memória e identidade da população negra, especialmente para que gerações futuras mantenham o sentimento de pertencimento e possam conhecer a cultura de seus antepassados. Como visto anteriormente, essa pesquisa foi construída a partir de vivências e histórias, tanto individuais, quanto coletivas, que foram fundamentais para esse registro, essas narrativas são de extrema importância para conhecer e desvelar dessas memórias e como forma de valorização, já que a trajetória do Clube Guarani se mantém no imaginário da comunidade, que a partir de projetos como este tem a possibilidade de recordar.

Antigos carnavais no Clube Guarani: memórias da comunidade negra de Arroio Grande

Serão apresentados aqui os resultados da pesquisa, análise de depoimentos e antigas fotografias. Conforme dito, a escolha dos 05 depoentes da pesquisa se baseou por sua ligação com o clube, antigos frequentadores e ex-presidentes do clube, Sr. Paulo Sérgio Prestes, entrevista concedida no dia 10 de novembro de 2018 em sua residência, e Sra. Maria Geni Lemos entrevista concedida em 31 de outubro de 2019 na sede do Clube Guarani. As também antigas frequentadoras, Sra. Maristela Corrêa, que vem sendo uma parceira nas pesquisas relacionadas ao Clube Guarani, entrevistada em duas oportunidades, no dia 23 de março de 2021 e 14 de agosto de 2021 e a última depoente Sra. Célia Lucio que deu seu depoimento no dia 16 de agosto de 2021, ambas as entrevistas do ano de 2021 ocorreram por meios eletrônicos, para maior segurança, devido ao respeito pelo distanciamento social preconizado pela pandemia de COVID 19. As entrevistas foram gravadas e os depoentes autorizaram a divulgação de seus nomes e depoimentos.

Conforme dito, dentre as memórias de festas do Clube Guarani, das mais marcantes eram os bailes de carnaval. Como já mencionado por Soares (2019), este era um importante momento para os negros, uma oportunidade de demonstrarem sua civilização, de evidenciar sua organização e comprometimento, com intuito de afastar os estereótipos pejorativos relacionados à negritude, a fim de serem socialmente aceitos e respeitados. De acordo com Escobar e Silva (2018) “o carnaval era um valioso momento para mostrarem-se capazes de se expor publicamente de maneira ordeira e respeitável” (ESCOBAR e SILVA, 2018, p. 74). Quadrado (2015) afirma que o carnaval na cidade de Arroio Grande antigamente ocorria na Praça da Igreja Matriz, atual Praça Maneca Maciel, e com o passar dos anos foram se formando blocos de escolas de samba advindos dessas manifestações. O povo negro, mesmo antes da existência do Clube Guarani já festejava na rua e a fundação da associação agregou na construção de sua trajetória no

carnaval.

Um dos destaques dessa jornada carnavalesca foram as Rainhas do Carnaval, elas reafirmavam a valorização da beleza da mulher negra, abrilhantavam o salão com o seu encanto, elegância, suas brilhantes fantasias e causavam alvoroço entre os foliões que ficavam à sua espera. De acordo com o carnavalesco Sr. Lizandro Araújo, Professor e Pesquisador arroio-grandense, em seu projeto intitulado “Memorial do Carnaval de Arroio Grande” em homenagem ao centenário do Clube Guarani, realizado em fevereiro de 2020, na década de 1960 foi intitulada a primeira Rainha do Carnaval de Arroio Grande, titulação que era transmitida anualmente e perdurou até o ano de 2003. Vale ressaltar, que concursos como este, possuem uma “representação como afirmação de uma identidade, se faz ainda mais relevante a grupos negros, devido à rejeição da mesma por outros grupos não-negros, a busca de uma valorização, devido à negação de sua beleza, valores e dignidades aos seus corpos e culturas” (QUADRADO, 2016, p. 24).

Em vista disso, a titulação como rainha ou princesa em um clube negro tem diferentes significados, os quais extrapolam a questão da aparência, da indumentária ou da inserção social. Foram selecionadas antigas fotografias de duas Ex-Rainhas do Carnaval do Clube Guarani. Na Figura 03, a jovem Maria da Graça, em seu reinado no início da década de 1970, usando trajes carnavalescos e adereço na cabeça, aparentemente, festejando o carnaval junto aos seus. Araújo (2020) relata que Maria da Graça foi a primeira rainha do Clube Guarani a fazer uso de plumas em sua fantasia, artigo de luxo na época, seu traje possuía a parte superior com um tecido aparentemente metalizado e babados na ombreira e na saia.



Figura 03: A Rainha do Clube Guarani Maria da Graça Conceição no carnaval de 1973.
Fonte: Acervo do Sr. Lizandro Araújo

Observa-se na Figura 03, o ambiente da festa, um clima de confraternização familiar com a presença de crianças. A estrutura física do clube, como o piso e as paredes, ainda parecem estar inacabados. Durante a pesquisa constatou-se que, através das rainhas passou a ocorrer momentos de integração entre negros e brancos nos clubes sociais, pois as rainhas eram convidadas para desfilarem e participar dos bailes nos clubes da cidade e região. Deste grupo, participavam a rainha intitulada e o presidente do respectivo clube. A depoente Sra. Maria Geni Lemos relata sobre essa interação:

Os integrantes do Clube Caixeiral e Comércio fugiam e vinham pular aqui, mas nós não íamos e nem podíamos fugir pra pular lá, só ia no dia da visita das rainhas[...] mesmo assim as visitas eram muito rápidas, era só o tempo de comer, beber alguma coisa e dar uma volta no salão (Sra. Maria Geni Lemos Santos, entrevistada no dia 31 de outubro de 2018).

Na Figura 04 se pode observar a jovem Maristela Corrêa, antiga sócia do clube, quando foi intitulada Rainha do Carnaval do Clube Guarani em

1980, com seu traje em tons de vermelho e branco, fantasia nomeada de “Ikebana - A arte de ornamentar flores”. Este registro foi feito durante sua visita ao Clube do Comércio. Ao lado de Maristela encontra-se o presidente do Clube Guarani da época, Sr. Cláudio Eber Ferreira.

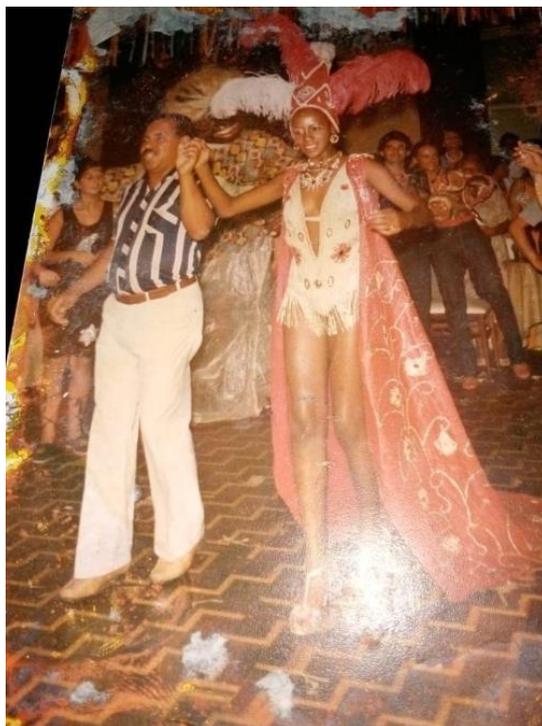


Figura 04: A Rainha Maristela Corrêa sendo recepcionada no Clube do Comércio, 1980.
Fonte: Acervo pessoal de Maristela Corrêa

A Sra. Maristela Corrêa, em seu depoimento, lembra que lamentou, pois sua côrte não recebeu autorização para acompanhá-la na visita ao Clube do Comércio. Essa proibição mostra como o racismo era evidente na década de 1980. No entanto, a depoente reforça que seu reinado foi um momento histórico em sua vida e orgulha-se de ter desfilado em um clube “branco”, onde não era permitida a entrada de seus antepassados, este momento lhe marcou profundamente, pois através dessas sociabilidades em espaços associativos brancos, o povo negro sentia-se aos poucos mais integrado e aceito na sociedade. Além disso, participar do concurso e ser rainha foi significativo em sua trajetória e de outras mulheres negras que sonhavam em conquistar o título:

Em 1980 fui Rainha do Carnaval no Clube Guarani. Foi um sonho realizado, pois sempre participava dos bailes de carnaval no clube e eu achava as rainhas lindas [...]. Os Carnavais no Clube Guarani sempre foram os melhores, eram animados, divertidos e atrativos (Sra. Maristela Corrêa, entrevistada em 23 de março de 2021).

A depoente ainda ressalta que, durante o carnaval, existia outro momento de socialização entre os clubes, porém não tão formal quanto às visitas feitas pelas rainhas, esse encontro era conhecido como “arrastão”, onde a Banda Farroupilha percorria as ruas da cidade, levando a Rainha do Carnaval até sua residência. Os foliões dos outros clubes aguardavam defronte ao Clube Guarani para participar desse arrastão, era uma grande festa, todos dançando em plena harmonia, “[...] era como se não houvesse racismo” (Sra. Maristela Corrêa, entrevista concedida em 14 de Agosto de 2021). Nota-se que, na memória da depoente, o carnaval era um tempo de integração e de diminuição da percepção da violência racial, logo, a memória era de momentos felizes.

Escobar (2017) faz uma importante reflexão sobre essas sociabilidades que ocorriam apenas em um período do ano: “É possível afirmar que essas diferenças identitárias pareciam ser temporariamente “amenizadas” durante o carnaval, mas não eram estancadas, pois no dia posterior novamente as portas dos clubes brancos e negros se fechavam para as mesmas pessoas” (ESCOBAR, 2017, p. 301). Quando a autora menciona que as portas dos clubes brancos e negros se fechavam, ela se refere aos Clubes Sociais Negros que eram elitizados, e mantinham a exclusão dos negros com classe social menos favorecida.

Algo que não ocorria no Clube Guarani, já que, de acordo com a depoente Sra. Célia Maria Medeiros Lúcio (entrevista concedida em Agosto de 2021) O Clube Guarani estimava por essa relação entre todas as raças, sem visar classes sociais. Conforme a Sra. Célia, o Guarani “recebia os simpatizantes brancos dos outros clubes, muitos deles eram inclusive associados, já que lá se sentiam acarinhados”. Na memória da depoente, o Clube Guarani era um espaço que permitia, não julgava a pele, a condição social, o tornando um espaço de acolhimento, de partilha. Esses elementos

nos fazem compreender como o Clube Guarani se situa na memória afetiva dos antigos participantes.

Conforme os depoentes, no Clube Guarani o divertimento para o público adulto era garantido, e o seu carnaval oportunizou memoráveis noites de festa. Contudo, as crianças também fizeram parte dessa história, como pode-se perceber na Figura 05. Para registrar a participação do público infantil, foram selecionadas duas antigas fotografias, ambas do ano de 1973. Na Figura 05 se pode ver Maristela Corrêa, vestindo um traje inspirado em Carmem Miranda, um conjunto florido, um turbante como adereço na cabeça e alguns colares coloridos. A depoente relata que uma de suas melhores lembranças de carnaval foi em seu primeiro baile de carnaval infantil, “A primeira fantasia a gente nunca esquece” (Sra. Maristela Corrêa, entrevista concedida em 14 de Agosto de 2021). A fala da depoente inspirou a elaboração do título deste artigo.



Figura 05: Maristela Corrêa em Baile Infantil do Clube Guarani em 1973.
Fonte: Acervo Pessoal da Sra. Maristela Corrêa

Cardoso (2021) enfatiza sobre o sentimento de uma criança negra participando do carnaval, sobretudo no orgulho, a vaidade da fantasia, o sentimento de segurança, aceitação e admiração dos presentes, sentimentos que, fora do carnaval, eram raros. Percebe-se que para as crianças negras, participar dos bailes de carnaval, despertava nas mesmas, o sentimento de acolhimento e pertencimento, era o momento onde se sentiam respeitadas, e também uma oportunidade de se conectarem com sua identidade.

O segundo registro foi de quando os Bailes Infantis também passaram a contar com uma representante feminina, a Duquesinha, que assim como a escolha de Rainha do Carnaval, perdurou até o ano de 2003, Lizandro Araújo (2020) relata que a primeira Duquesinha coroada foi Maria Isabel Caetano, aos 08 anos de idade, seu traje era inspirado no tema “princesa”, como percebe-se na Figura 06, seu vestido era acetinado, mangas bufantes, adereço no cabelo e um delicado esplendor.



Figura 06: Duquesinha do Clube Guarani Maria Isabel Caetano, 1973.
Fonte: Acervo Sr. Lizandro Araújo.

No Guarani as crianças participavam de todas as atividades carnavalescas, inclusive dos desfiles na rua, com suas famílias. Além dos carnavais dos clubes sociais, haviam desfiles pela Rua Dr. Monteiro, palco do carnaval arroio-grandense. Na Figura 07 a fotografia de um desfile de rua do carnaval de Arroio Grande. Ao fundo, nota-se a presença de crianças, também fantasiadas, as mesmas possivelmente fazem parte da corte da Rainha do Carnaval Sr. Maria Angélica Machado Lúcio, que encontra-se no centro da fotografia ao lado do presidente do Clube Guarani, Sr. Pedro Ferreira. A rainha utiliza uma fantasia luxuosa, com plumas e bordados. Na fotografia estão também o Prefeito Sr. Flávio Pereira e sua esposa, a Sra. Cléia Pereira. O registro nos permite sentir a energia de como eram os carnavais de rua da época, por trás do luxo das fantasias carregava demasiada simplicidade e entusiasmo.



Figura 07: Desfile de Rua do carnaval de Arroio Grande na década de 1980.
Fonte: Acervo pessoal do Sr. Pedro Ferreira.

Ainda sobre a indumentária do carnaval, vale ressaltar também, sobre o carnaval de Arroio Grande, sobre a importância do Desfile de Fantasias. Conforme mencionado por Soares (2019), o desfile era promovido pelo Clube Guarani, mas os sócios dos clubes Caixeiral e Comércio também

participavam. Conforme dito, o carnaval era uma época do ano quando acontecia a integração entre os clubes, e também a socialização entre brancos e negros, como observa-se na Figura 08.

Segundo a depoente, a Sra. Célia Lúcio as fantasias dos desfiles de rainhas e duquesinhas vistos na Figura 08, eram deslumbrantes, com acabamentos impecáveis, compostas com bordados e pedraria. Os foliões usavam desde roupas simples como bermuda, camiseta, vestidos ou fantasias bordadas com lantejoulas, relembra a Sra. Célia: “era muita alegria, havia muita brincadeira sadia, tudo mais simples, as pessoas se divertiam muito, com menos” (Sra. Célia Maria Medeiros Lúcio, entrevista concedida em 16 de agosto de 2021). Percebe-se a presença de crianças e adultos, ou seja, era um evento receptivo para todas as idades.



Figura 08: Desfile de Fantasias do Clube Guarani, 1995.
Fonte: Acervo do Sr. Lizandro Araújo.

No entanto, com o passar dos anos, mais especialmente no final dos anos 1990, ainda de acordo com a depoente, as fantasias foram dando lugar às camisetas de bloco, o carnaval de rua foi ganhando força, e os festejos no clube foram fragilizando-se. A Sra. Célia Lúcio declara que lembrar os carnavais do Clube Guarani é um misto de alegria e tristeza, alegria por ter sido uma época, conforme a depoente, esplêndida, mas triste pelo clube ter

fechado, sob olhares indignados da população. Como já mencionado anteriormente o Clube Guarani encerrou suas atividades em 2006, mas sua última festa carnavalesca, de acordo com o depoente, Sr. Lizandro Araújo (2020) aconteceu em 04 de fevereiro de 2005, onde foi realizado um “Grito de Carnaval”, após a folia, o salão silenciou-se.

Conforme visto, as memórias de carnaval relacionadas ao Clube Guarani ganham expressão nos depoimentos e antigas fotografias. A pesquisa atingiu diversos segmentos da festa, desde a formalização das festividades no salão, a beleza das fantasias, o glamour das rainhas, até o renome pelas folias descontraídas, calorosas e receptivas. Foi possível registrar e refletir também sobre rupturas de modelo social racista tão rígido como na época, pois conforme os depoentes, durante o carnaval, os negros, através das representações sociais do Clube Guarani, garantiam o direito de fazer-se presente em outras sociedades clubistas, exaltando seu fazer artístico, na indumentária, na dança, na cultura. Independente de seu desfecho, o carnaval e as manifestações festivas do Clube Guarani continuam na memória dos antigos sócios e frequentadores, contadas com emoção e saudade. Foi extremamente importante o fato de poder acompanhar estes processos de rememoração da época dos antigos carnavais para construção da presente pesquisa e como forma de realização pessoal como pesquisadoras de memória, festa e cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A memória é o lugar onde cresce a história, que por sua vez a nutre, procurando fazer com que seja evidenciada para servir tanto para o presente quanto para o futuro (Le Goff, 2003, p. 471). O autor afirma que a memória contribui para a compreensão, a interpretação de diferentes modos de ser, de viver, afirmando que as festas foram elementares não apenas para o compartilhar memorial, mas para alimentar ideais de nacionalismo, de revolução e outros. A partir dos dados coletados na pesquisa, observou-se que as memórias dos carnavais do Clube Guarani de Arroio Grande transitam na memória afetiva da comunidade negra que era frequentadora do clube,

gestores e colaboradores. Conhecer esse passado, a história e memórias do Clube Guarani é de extrema relevância, a fim de registrar e valorizar o protagonismo negro no carnaval, tanto do Clube Guarani quanto de Arroio Grande de forma geral, e enfatizar a festa como forma de resistência negra para os negros e não negros de Arroio Grande.

Através dos depoimentos de antigos frequentadores e de seu acervo de fotografias antigas, observou-se o sentimento de nostalgia, apreço e orgulho pelo Clube Guarani. Os familiares ainda relembram as histórias e lembranças que tiveram, e compartilharam durante as entrevistas, o que possibilitou maior compreensão acerca da construção sociocultural que ultrapassa as paredes e as portas fechadas do Clube Guarani. Ressalta-se a relevância da metodologia da história oral para a coleta dos depoimentos, pois ela permite ao pesquisador a imersão, captar as reações, os sentimentos e afecções dos depoentes, dentre outros.

Além disso, os bailes, as festas e outros eventos do Clube Guarani promoviam sociabilidades, trocas, estreitamento de relações e certa estabilidade emocional. Nas festas pode-se compartilhar angústias, problemas, tornando a vida mais solidária e aprazível. Destaca-se ainda o fato do Clube Guarani aportar à memória e identidade negra de Arroio Grande. Pesquisas e propostas que promovam seu conhecimento e sua vitalidade devem ser priorizadas.

Ressalta-se a relevância do registro das memórias vinculadas à cultura e identidade negra, por tantos anos abafada, silenciada, amordaçada. O Clube Guarani tem uma história de luta de uma comunidade excluída. Seus carnavais de salão, festa tradicional da comunidade negra, porta tantos contextos socioculturais e que carrega narrativas, memórias, acervo documental e fotográfico, mostrando o seu saber fazer carnaval também como uma forma de resistência. As fotografias e depoimentos foram carregados de emoção, de memórias afetivas, de encontros, músicas e festa, imprescindíveis para que possamos conhecer e analisar a formação dessas identidades negras do sul do Brasil. Conforme ressalta Escobar (2017) “acreditamos no papel da comunicação como estratégia política de combate a discriminação e ao

racismo, e as desigualdades de gênero, raça e classe, por meio da cultura registrada, da memória e das histórias da vida de mulheres negras” (ESCOBAR, p. 347, 2017). Desta forma, entende-se que evidenciar a história, memórias e a identidade negra arroio-grandense é uma forma de conhecer, respeitar e combater a desigualdade e o racismo, além de evitar o apagamento e o silenciamento desse povo, contribuindo para pesquisa acadêmica dessa temática.

REFERÊNCIAS

CAPONERO, Maria Cristina; LEITE, Edson. Inter-relações entre festas populares, políticas públicas, patrimônio imaterial e turismo. **Revista Patrimônio: lazer & turismo** - Mestrado em Administração e Turismo, [S. l.], ano 2010, v. 7, p. 99-113. Disponível em: https://www.unisantos.br/pos/revistapatrimonio/artigos_2010.html. Acesso em: 10 de dezembro de 2021.

CARDOSO. Douglas Conceição. **O Clube 24 de Agosto e seus antigos carnavais: memórias de folias em Jaguarão/RS**. 2021. TCC. Tecnologia em Gestão do Turismo. Universidade Federal do Pampa, Jaguarão.

CUNHA, Fabiana Lopes. As matrizes do samba carioca e carnaval: Algumas reflexões sobre patrimônio imaterial. **Revista Memória e Patrimônio**, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/90>. Acesso em: 10 de março de 2022.

ESCOBAR. Giane. **“Para encher os olhos”: identidades e representações culturais** das rainhas e princesas do Clube Treze de Maio da Santa Maria no Jornal A Razão (1960-1980). Tese de Doutorado. Pós-Graduação em Comunicação. Universidade de Santa Maria, Santa Maria, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/11634>. Acesso em: 01 de abril de 2022.

ESCOBAR. Giane Vargas. **Clubes Sociais Negros: lugares de memória, resistência negra, patrimônio e potencial**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Patrimônio Cultural. Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2010. Disponível em: <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/10961> Acesso em: 06 de julho de 2022.

ESCOBAR, Giane e SILVA, Fernanda. Clubes sociais negros do Rio Grande do Sul: Das recentes lutas por permanência as antigas lutas por existência. In: AL-ALAM, Caiuá Cardoso; ESCOBAR, Giane Vargas; MUNARETTO, Sara Teixeira (org.). **Clube 24 de Agosto (1918-2018): 100 anos de resistência de um clube social negro na fronteira Brasil-Uruguaí Rio Grande do Sul**: Editora

ILU, 2018.

GASTAL, Suzana de Araújo e MACHIAVELLI, Mariana Schwabb. O Olhar sobre a festa. In.: GASTAL, Suzana de Araújo (org.). **Olhar do Turismo sobre a Serra Gaúcha**. Caxias do Sul: EDUCS, 2012.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisas social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 220 p.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, p. 20-29, 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/ZX4cTGrqYfVhr7LvVyDBgdb/?lang=pt> site. Acesso em: 11 de dezembro de 2021.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**, tradução: Laís Teles Benoir, São Paulo: Centauro, 2004.

KOSBY, Marília. O Clube Guarani: raça, família e parentesco em uma entidade afro-cultural do extremo sul do Brasil. **Revista Encuentros Latinoamericanos**, segunda época. Vol. III, Nº 2, julho/diciembre, 2011. p. 01-12. Disponível em: <https://ojs.fhce.edu.uy/index.php/enclat/article/download/510/447/1345>. Acesso em: 10 de março de 2022.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990. Disponível em: <https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf>. Acesso em: 30 de março de 2022.

MORIGI, Valdir Jose; ALBUQUERQUE, Maria Madalena Zambi; MASSONI, Luís Fernando. **Festas étnicas, memória e patrimônio cultural**: informações sobre a Oktoberfest nos sites oficiais de divulgação do evento. XVI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANBCIB), [S. l.], ano 2012, p. 1-19. Disponível em: <http://docplayer.com.br/14127996-Comunicacao-oral-festas-etnicas-memoria-e-patrimonio-cultural-informacoes-sobre-a-oktoberfest-nos-sites-oficiais-de-divulgacao-do-evento.html> site. Acesso em: 22 de dezembro de 2021.

MORIGI, Valdir Jose; ROCHA, Carla Pires Vieira; SEMENSATTO, Simone. Memória, representações sociais e cultura imaterial. **Revista eletrônica em Ciências Humanas**, [S. l.], ano 2012, p. 182. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/morpheus/article/view/4833> Acesso em: 22 de dezembro de 2021.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: vol. 2, nº 3, p.3-15, 1989. Disponível em: http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf. Acesso em: 20 de dezembro de 2021.

PORTELLI, Alessandro. **História Oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra

e Voz, 2016.

QUADRADO, Beatriz Floor. Clube Guarani (1920-2006): tempos de luta contra o preconceito racial em Arroio Grande. **Cadernos Clio**, Curitiba, v.3, p.93-116, 2012. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/275240184_Clube_Guarani_1920-2006_tempos_de_luta_contra_o_preconceito_em_Arroio_Grande. Acesso em: data 15 de dezembro de 2021.

QUADRADO, Beatriz Floor. A Luluzinha e As Venenozas: A rebeldia do ser mulher em blocos à fantasia (Arroio Grande, RS). **Emblemas - Revista da Unidade Acadêmica Especial de História e Ciências Sociais - UFG/CAC**, 2015. p. 21-31. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/emblemas/article/download/45046/22483>. Acesso em: 11 de dezembro de 2021.

QUADRADO, Beatriz Floor. **“Era meu sonho ser Miss Mulata”**: A representação da mulher negra e mulata em um concurso de beleza 1969-1999 (Arroio Grande, RS). Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em História. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2016. Disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/5559>. Acesso em: 01 de abril de 2022.

RIBEIRO, Antonio Marcos de Almeida. **História oral brasileira**: trajetória e perspectivas. Revista de Teoria da História, Goiás, p. 108-121, 06 dez. 2011. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/teoria/article/view/28979> site. Acesso em: 10 de dezembro de 2021.

SOARES, Franciéle Gonçalves. **Clube Guarani**: Memória, negritude e festa em Arroio Grande/RS. IV COPENE SUL: Ancestralidades, conquistas, e resistência em tempos de intolerância, Jaguarão, 2019. p. 01-14. Disponível em: <http://dSPACE.unipampa.edu.br/handle/riiu/3912>. Acesso em: 13 de dezembro de 2021.

TANNO, Janete Leiko. Patrimônio cultural dos afrodescendentes: preservação, memória e recepção. **Revista Memória e Patrimônio**. São Paulo, 2018. Disponível em: <https://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/872/1027>. Acesso em: 30 de março de 2022.

SITES

ARANTES, Nélio. **Pequena história do Carnaval no Brasil**. Revista Portal de Divulgação, n.29. Ano III. Fev.2013. Disponível em: <http://revistalongeviver.com.br/index.php/revistaportal/article/download/327/327>. Acesso em 10 set 2021.

ABREU, Raphael Lorenzeto de. **Mapa do Rio Grande do Sul – Arroio**

Grande. 2006. Disponível em:
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:RioGrandedoSul_MesoMicroMunicip.svg. Acesso em 20 de dezembro de 2021.

ARAÚJO, Lizandro. **Memorial do carnaval de Arroio Grande.** Página em Grupo Privado na Rede Social Facebook, administrada pelo professor e pesquisador Lizandro Araújo. Disponível em:
<https://www.facebook.com/memorialdocarnavalag/>. Acesso em: 10 de dezembro de 2021.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Arroio Grande.** Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/arroiogrande/panorama>> Acesso em: 20 de dezembro de 2021.

PREFEITURA DE ARROIO GRANDE. **História.** Disponível em:
<<http://www.arroiogrande.rs.gov.br/historia/>> Acesso em: 06 de julho de 2022.

CORRÊA, Maristela. Entrevista concedida a Franciéle Gonçalves Soares em 23 de março de 2021.

CORRÊA, Maristela. Entrevista concedida a Franciéle Gonçalves Soares em 14 de Agosto de 2021.

LÚCIO, Célia Maria Medeiros. Entrevista concedida a Franciéle Gonçalves Soares em 16 de agosto de 2021.

PRESTES, Paulo. Entrevista concedida a Franciéle Gonçalves Soares em 10 de novembro de 2018.

SANTOS, Maria. Entrevista concedida a Franciéle Gonçalves Soares em 31 de outubro de 2019.